

Lagasalia 15 (Extra): 441-445 (1988).

O PROBLEMA DA IRIS SUBBIFLORA BROT. EM PORTUGAL

R. BATARDA FERNANDES & A. FERNANDES

Centro de Fitossistemática e Fitoecologia, EcC2, do I.N.I.C., Universidade de Coimbra.

Resumen. Un estudio comparativo de *Iris lutescens* Lam. subsp. *lutescens*, de Italia y de la Región Mediterránea francesa, con *I. lutescens* subsp. *subbiflora* (Brot.) D.A. Webb & Chater del oeste de Portugal, muestra que las diferencias entre estos dos taxones son bastante considerables, siendo tal vez más adecuado considerar *I. subbiflora* Brot. como especie independiente.

Summary. The comparative study of *Iris lutescens* Lam. subsp. *lutescens* from Italy and Mediterranean region of France with *I. lutescens* subsp. *subbiflora* (Brot.) D. A. Webb & Chater from west of Portugal shows that the differences between these two taxa are so considerable that it is perhaps more adequate to consider *I. subbiflora* Brot. as an independent species.

Durante a sua viagem por Portugal em 1564, CLUSIUS colheu, nos arredores de Coimbra, uma *Iris* cuja descrição e iconografia publicou (1576) e à qual, pelo facto de florescer duas vezes no ano, deu o nome de *I. biflora*. Simultaneamente, indicou que a planta se encontrava a norte do Tejo, quer em terrenos férteis, quer em terrenos pedregosos.

LINEU (1753) referiu uma *I. biflora*, mas não indicou na bibliografia a obra de CLUSIUS. Por outro lado, a sua descrição não concorda com a deste último autor, em virtude de a espécie ser descrita como multiflora, quando CLUSIUS verificara que as plantas por ele observadas produziam geralmente apenas uma flor por escapo. Todavia, LINEU refere que *I. biflora* «Habitat in Lusitaniae rupibus». Por estes factos e de acordo com KER-GAWL (1808), não se sabe exactamente o que seja a *I. biflora* L., que alguns autores supõem corresponder à tab. CCCXXXII da obra de REICHENBACH (1847), interpretada também como *I. hungarica* Waldst. & Kit. (*I. aphylla* L.), espécie que existe

particularmente na Europa Central, mas não na Lusitânia. Deste modo, *I. biflora* L. é considerada nomen confusum por MAIRE (1959) e nomen ambiguum por WEBB & CHATER (1980), motivo por que não se deve usar.

LAMARCK (1789) descreveu uma espécie nova de *Iris* da região mediterrânica de França, que denominou *I. lutescens*, de harmonia com a cor amarelo-pálida do seu perigónio.

BROTERO (1804) descreveu outra nova espécie do mesmo género, que designou pelo nome de *I. subbiflora*, indicando para ela o nome vulgar português de lírio roxo e referindo que não se tratava da *I. biflora* L., mas sim da planta indicada por CLUSIUS embora sob o mesmo nome. Mais tarde (1827), o botânico português publicou uma descrição pormenorizada da sua espécie, para a qual mencionou um outro nome vulgar, lírio cardeno, apresentando juntamente a respectiva iconografia. Outra estampa elaborada recentemente por ÚRSULA BEAU sobre plantas espontâneas dos arredores de Conímbriga (Ruínas Romanas próximo de Condeixa, Portugal) é mantida inédita na colecção de estampas da Sociedade Broteriana.

Ao estudarem as *Iris* anãs barbadas nos trabalhos preparatórios para a elaboração do vol. V da Flora Europaea, WEBB & CHATER (1978) chegaram à conclusão que *I. subbiflora* Brot. se não poderá considerar espécie distinta de *I. lutescens* Lam., mas somente subespécie desta, estabelecendo a combinação *I. lutescens* subsp. *subbiflora* (Brot.) D. A. WEBB & CHATER. Por outro lado, estes mesmos autores concluíram que *I. chamaeiris* Bertol., *I. olbiensis* Hénon e *I. italica* Parl. são todos sinónimos de *I. lutescens* Lam., tendo o último nome prioridade sobre os outros utilizados pelos autores italianos, visto ter sido publicado anteriormente.

A fim de se poderem manifestar sobre a opinião de WEBB & CHATER quanto às plantas italianas, MAUGINI & BINI MALECI (1981) estudaram não só espécimes de herbário, mas também exemplares vivendo no estado espontâneo ou em cultura. Estas autoras estabeleceram o comprimento do escapo; o número de folhas deste; o comprimento da espata inferior; o número de flores produzidas por escapo; comprimento e largura da folha maior; comprimento do tubo do perigónio; dimensões das tépalas; comprimento das anteras; etc., tendo os dados obtidos levado as autoras a apoiarem a conclusão de WEBB & CHATER (loc. cit.), isto é, que as plantas italianas estudadas, todas de localidades da Toscana, pertencem à *I. lutescens* Lam. subsp. *lutescens*, da qual *I. chamaeiris* Bertol., *I. olbiensis* Hénon e *I. italica* Parl. são sinónimos.

I. subbiflora Brot. encontra-se em Portugal nos terrenos calcários pedregosos da Beira Litoral, sul da Estremadura e parte ocidental do Ribatejo.

Da Beira Litoral estudámos plantas de 3 localidades: Cantanhede, Pousada e arredores de Condeixa, enquanto da Estremadura vimos plantas de Ericeira, Via Longa, de entre esta localidade e Zambujal, Sintra (Pedra Furada), região de Belas (incluindo Montes da Paiã, Serra de Belas, Cacém e Rio de Mouro), Serra de Monsanto (incluindo Belém e Caxias), Oeiras e Cascais (incluindo Caparide e Alcabideche).

Infelizmente, só encontrámos plantas vivas em flor na mata de Abufarda (vizinhanças das Ruínas romanas de Conímbriga), de modo que, das outras localidades, apenas pudemos observar espécimes de herbário (COI, ELVE, LISE, LISU e PO). Quer nas plantas vivas, quer nos exemplares de herbário efectuamos medições comparáveis às de MAUGINI & BINI MALECI (loc. cit.), tendo em seguida confrontado os nossos resultados com os das autoras italianas e chegado às seguintes conclusões:

1. Numa amostragem de 79 indivíduos, verificámos que 86,07% de escapos eram unifloros, 12,64% bifloros e 1,26% trifloros, o que parece mostrar que as plantas trifloras serão mais frequentes do que BROTERO pensava (em 600 plantas por ele examinadas não encontrou nenhuma deste tipo). MAUGINI & BINI MALECI encontraram 6,62% de escapos bifloros, o que corresponde aproximadamente a metade da percentagem por nós determinada;

2. Os escapos das plantas de Portugal são bastante mais altos ($M=20,7$ cm, valor correspondente à média das médias de todas as populações) do que os dos espécimes italianos ($M=4,44$ cm, representando também as médias das médias das populações);

3. Os escapos das plantas portuguesas possuem folhas, na percentagem de 67,24, enquanto que nos indivíduos italianos essa percentagem é de 15,46%, o que significa que a frequência da presença dessas folhas se encontra correlacionada com a altura dos escapos;

4. As folhas maiores das plantas de Portugal são bastante mais longas ($M=19,9$ cm) que as dos indivíduos de Itália ($M=6,29$ cm), e mais largas ($M=1,64$ cm) do que as segundas ($M=0,82$ cm);

5. As espatas inferiores das plantas portuguesas são consideravelmente mais longas do que as das plantas de Itália, porquanto determinámos valores compreendidos entre 4,5 e 8,5 (10,5) cm, enquanto MAUGINI & BINI MALECI encontraram valores compreendidos entre 3 e 4 (6) cm;

6. As flores das plantas portuguesas¹ são bastante maiores que as dos

¹ Na sua Obs. 2 BROTERO diz que «Variat circa Olisiponem, etsi raro, corolla alba, aut interdum

espécimes italianos, pois que para o comprimento e largura das tépalas externas (asas) e internas (vexilos) encontrámos valores compreendidos entre 5,7-9 x 2,8-4,9 para as asas e 5,5-8,5 x 2,6-4,2 cm para os vexilos, enquanto MAUGINI & BINI MALECI determinaram valores compreendidos entre 3-5 x 1,5-2,2 cm, considerando as asas e os vexilos no seu conjunto;

7. O tubo do perigónico, apresentando valores compreendidos entre 2,5 e 5,5 cm (M=3,70 cm), é mais longo nas plantas de Portugal do que nas de Itália (2-3,5 cm);

8. As anteras, medindo 1,4-1,7 cm, são um pouco mais longas nas plantas portuguesas do que nos indivíduos da Itália (0,8-1,5 cm). Por outro lado, tanto as anteras como os grãos de pólen apresentam uma coloração azul-pálida nas plantas portuguesas, não se tendo encontrado diferenças no que respeita ao tamanho e à ornamentação dos grãos de pólen;

9. As contagens dos cromossomas nos meristemas radiculares de plantas da Mata da Abufarda (vizinhanças de Conímbriga) levaram-nos à determinação do número $2n=40$, igual, portanto, ao encontrado por MAUGINI & BINI MALECI (1973, 1974) nas plantas italianas. Tivemos também o ensejo de verificar que o cariótipo das plantas de Portugal não difere significativamente do das plantas italianas.

Existindo nos herbários portugueses acima referidos exemplares provenientes do sudeste de França, região de onde provém o tipo de *I. lutescens* Lam., e da Suíça, resolvemos estudar esses materiais, afim de comparar os dados obtidos com os das populações portuguesas. Os resultados foram os referidos no Quadro 1.

Estes resultados mostram, que as plantas da França e Suíça se aproximam mais das italianas do que das portuguesas.

Em face das diferenças postas em evidência entre *I. lutescens* Lam. e as plantas portuguesas, parece-nos poder concluir-se que *I. subbiflora* Brot. merece talvez que lhe seja atribuída a categoria de espécie.

I. subbiflora encontra-se também no sudeste de Espanha e possivelmente nos arredores de Tânger. Na nossa opinião, seria de interesse estudar essas populações, pois que esse estudo poderia contribuir igualmente para a resolução deste problema.

lutescenti» (loc. cit., 1827). É curioso assinalar que todas as plantas herborizadas em Portugal, aproximadamente depois de 1875, possuem flores roxas. Em face destes dados, poderá admitir-se que se tenham originado no nosso País plantas homozigóticas no que respeita à cor das flores, as quais serão actualmente as únicas existentes.

	Plantas de Portugal	Plantas de França e da Suíça
Percentagens de plantas		
1-floras e 2-floras	86,07% e 12,6%	85,7% e 14,2%
Altura dos escapos (médias)	20,7 cm	11,8 cm
Comprimento e largura da folha maior (médias)	19,97 x 1,648 cm	13,7 x 0,97 cm
Comprimento da espata inferior	4,5-8,5 (10,5) cm	(2,2) 3,7-5,5 cm
Tépalas	7x3,36 e 7x3,43 cm	4,5-6,5x1,7-3,2 cm
Comprimento do tubo do perigónio	2,5-5 cm	2,2-3,5 cm

Quadro 1. Comparação entre os dados obtidos nas populações portuguesas e os das de França e Suíça.

BIBLIOGRAFIA

- BROTERO, F. A. (1804) *Flora Lusitanica* 1: 50. Olissipone. Ex Typographia Regia.
- ____ (1827) *Phytographia Lusitaniae Selectior* 2: 47 et t. 96. Olissipone. Ex Typographia Regia.
- CLUSIUS, C. (1576) *Rariorum aliquot Stirpium per Hispanias observatarum Historia*. Antwerpen. Ex officina Christophori Plantini.
- KER-GAWL (1808) In *Bot. Mag.*: t. 1130. London.
- LAMARCK, J. B. A. P. (1789) In *Encycl. Méth. Bot.*: 3: 297. Paris, chez Panckoucke.
- LINEU, C. (1753) *Species Plantarum* 1: 38. Facsimile. The Ray Society. London 1954.
- REICHENBACH, L. (1847) *Icones Florae Germanicae et Helveticae*: t. CCCXXXII. Lipsiae.
- MAUGINI, E. & L. BINI MALECI (1973) Indagine cariologica su alcune *Iris barbatae* nane a 40 cromosomi (*Iris chamaeiris* Bertol, S.L.). *Caryologia* 26(1): 133-155.
- ____ (1974) Further investigations on the karyotype of several 40 chromosome dwarf bearded *Irises* (*I. chamaeiris* Bertol. S.L.). *Caryologia* 27(1): 117-127.
- ____ (1981) Le specie nane di *Iris* in Toscana e il loro problema tassonomico. *Webbia* 35(1): 145-186.
- MAIRE, R. (1959) *Flore de l'Afrique du Nord* 6: 134. Ed. Paul Lechevalier. Paris.
- WEBB, D. A. & CHATER, A. O. (1978) Notes on the genus *Iris*. *Bot. Journ. Linn. Soc.* 76(4): 315-316.
- ____ (1980) In *Flora Europaea* 5: Index: 424. Cambridge, University Press.